



LUCAS CASSULE

ROUBEI o pai natal

LUCAS CASSULE

ROUBEI O PAI NATAL

©Lucas Cassule, 2021

Título: Roubei o pai natal

Autor: Lucas Cassule

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: geral@esobreler.ao

Tel: 919146296

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

ésobrenós Editora

Execução Gráfica

ésobrenós Editora

Revisão

Lucas Cassule

Marketing e publicidade

Alusapo | Julieta Nguenda | Lucas Cassule

Conselho Editorial

Victor Amorim Guerra | Elisabeth Lorena Alves | Youran Mendes

Edição digital

ÉSOBRENÓS EDITORA

Mutamba, R. Amílcar Cabral 170 - 1º, Apto. 3 | Luanda – Angola
Zango I, Quarteirão F, R. 10 (paragem do parte-braço), casa nº 415.

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte,
seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor.

scrito do autor.

Prólogo

— Quem é? — gritei com o máximo de força que consegui expelir para que, diante daqueles batimentos ensurdecidos, conseguissem me ouvir.

O barulho na porta do quintal aumentou ainda mais, parece que, quem quer que esteja ali, fazia de propósito, desferia os golpes com uma violência intencional.

— Mas quem é a essa hora?

— [...]

Devolveu-se um silêncio repentino. Eu mantive-me imóvel no meio do quintal, à espera que a pessoa respondesse e, ao mesmo tempo rezava, para que a minha mana também acordasse e se juntasse a mim. O meu coração não ajudava, quase que abandonava o meu corpo, saindo pela boca, com medo, pulsava como uma bomba!

E então, num outro intervalo de tempo, o estranho que havia hibernado os movimentos, voltou-se aos golpes, desta vez, mais forte, penso até que se serviu de um utensílio sólido para fazê-lo. Uma pedra para romper o aço em definitivo, quem sabe?



HÁ MUITO TEMPO

— Vamos! — ordenou Fany, olhando fixamente para mim, com ar grosseiro e rude, mas não era sobre alguma coisa que eu tivera feito, era da vida, dos males da vida — Acompanha-me ali ao lado da mãe grande, vamos comprar gelo.

— Ah, mana também! Eu ainda estou com muito sono! Não dá para esperar mais um pouco?

— Cala-te pá! Na hora de comer não usas as mesmas desculpas, porquê?

Levantei-me às pressas, ainda de *boxer*, recolhi a calça que se encontrava mesmo ao pé do colchão, no chão e vesti-me rapidamente. A minha mana estava mesmo ali, ao pé da porta do meu quarto, entreaberta, com a cara toda amarrada, à espera que eu me prontificasse para iniciar a marcha habitual.

— E vamos ali, porquê? E ali na tia Lola?

— Não há gelo. Faz rápido, tá ficar tarde!

Eram quase seis e meia daquela manhã, e enquanto caminhávamos a passos largos, contemplava os enfeites que os jovens e adolescentes da minha faixa etária tinham colocado na rua. Paredes pintadas a cal e oca, algumas multicolors, outros espaços demarcados com pneus, latas e desenhados com figuras conhecidas da animação televisiva, Goku, Bumbu, Tom e Jerry, Pato Donald, estes eram os que mais populavam os murais.

“Há gelo fresco”, estava escrito mesmo na placa, no cimo frontal da loja.

“Como se houvesse gelo quente”, pensei, enquanto perma-

necia na longa fila, aguardando pela nossa vez.

— Luís... fica mesmo aí na bicha! Vou rapidamente aqui na avó Mamã dar bom dia e voltar — advertiu a mana e enquanto ela falava, eu acenava a cabeça a concordar.

— Mas vocês também estão a atender bem lento yah!

— Por que não arranjam mais pessoas para trabalhar aí? Uma pessoa é pouco para atender toda essa gente!

As senhoritas bradavam, pediam por mais celeridade e brevidade. Se ao menos a energia neste bairro não fosse à toa, não estaríamos aqui a sofrer, faríamos gelo nas nossas próprias arcas, meditei ao vislumbrar aquela confusão.

Nós não tínhamos um refrigerador em casa, nem mesmo uma minúscula. Porém, a vizinha da casa ao lado, tia Mpanzu, tinha uma arca grande e uma geleira, essa podia nos fazer alguns favores.

Não tardara, às sete da manhã, estava eu e a mana, ali na praça da madeira. Eu fiquei em pé, observando-a a dividir a nossa mercadoria. Havia dois baldes, um ligeiramente maior que o outro, e uma banheira pequena que continha as duas pedras de gelo “fresco” que tínhamos acabado de comprar. A mana quebrava o gelo em pequenos pedaços naquela banheira, com a ajuda de um pedregulho de *nguengue*. Instantes depois, levantou-se e ordenou: — Luís, fica aqui e controla estas coisas, vou à busca das gasosas.

— Está bem, mana!

Vi-a dirigir-se até a casa de processo onde havia deixado ficar as grades de refrigerantes no dia anterior.

Eu recolhi um casco de bloco que havia no chão e sentei-me, bem ao pé dos nossos pertences. A minha barriga já

borbulhava de fome, nem um copo de água tinha bebido ainda.

“Essa mana sequer deixou-me escovar os dentes!”

“Antes mesmo das oito da manhã esse mercado já está lotado de pessoas assim? Parece um exército de formigas!”

— Luís, ajuda aqui!

A mana tinha chegado com duas grades de refrigerantes Youki, o que estava na moda, uma de coco-pina, outra de laranja. Eu gostava muito o de coco-pina, mas eram raras as vezes que eu podia provar uma, apenas em datas especiais, por falta de condições. Segurei numa das grades e fui arrumando no balde inferior. A mana também fazia o mesmo com a outra grade, empilhava no recipiente maior. Após terminarmos o processo, ela colocou gelo por cima de cada um dos baldes e ordenou que aguardássemos pelo menos trinta minutos, antes de começar as vendas.

— Mana, eu já tenho fome. Tu não?

— Espera um pouco. A tia Nzola está quase a fritar os bolinhos, vamos comprar de 100 antes de começarmos a zungar.

— Olha a gasosaaaa! Tá aqui a gasosa bem fresca! Olha a gasosa, tá aqui a gasosa bem fresca!

— Hey! Youki? Traz uma fresca! — Chamou um senhor corpulento que estava sentado ao lado de um monte de chapas de zinco.

Corri até ele para impedir que outro mercador, vendendo os mesmos produtos, adiantasse. O cliente era meu!

— Mas ó Youki, essas gasosas não estão frescas!

— Kota, o gelo acabou. Estes foram os últimos que ficaram, também já são quase dezasseis horas — Encolhi os ombros em gesto de lamento — Ainda está mais ou menos para refrescar a garganta mó *dikota*. Experimenta pegar esta que estava no fundo.

— Toma, faz troco. Eu deveria te pagar metade do preço nessa tua gasosa natural...

Às dezasseis horas, estávamos concentrados novamente ali, ao lado da casa onde armazenávamos as mercadorias. A mana fazia o fecho de contas. Tinha sido um dia bom para mim, havia vendido quase uma grade.

— Moço, vais aonde com esses brinquedos todos? — indagou um outro senhor que estava ao nosso lado, dirigindo-se ao moço que atravessava a rua, carregando bonecas e carritos de brinquedo.

— Estou a vender, papoite! tá barato, aproveita já a prenda de natal pro tô filho!

— Waa! Não compro coisas nas mãos dos gatunos, estás a vender, tiraste aonde? — O velhote voltou a fuzilar aquele moço de postura duvidosa e cheia de arranhões na cara.

— Roubei — respondeu efusivamente. Ele parou a marcha e esbanjou um sorriso de ironia para o velho — Roubei o pai natal! — acrescentou.

Tendo dito aquilo, soltou uma gargalhada seca e sem graça, depois prosseguiu a caminhada, com os seus brinquedos e seus passos cambaleantes.

A minha mana, que também observava o desenrolar daquela troca de palavras deu um grande *mixoxo* e abanou

negativamente a cabeça. Ela voltou-se para mim e disse: — Não me admira nada que ele tenha roubado todos esses brinquedos.

— Menino Youki! Menino Youki!

— Sim, tia Masoxi.

— Tem mais gasosa?

— Tem sim!

— Traga-me uma, por favor!

— Toma — disse a mana, após interromper os meus movimentos. Pousou a mão no meu ombro e baixou para retirar um refrigerante no seu recipiente. — Leva este que está mais fresco.

— Está bom!

Após o encerramento das actividades e feitura das contas, fiquei ali a observar a irmã a conversar com as suas amigas. Eu já me encontrava cansado, estafado e aborrecido, só queria ir à casa tomar um banho e trocar de roupas.

— Titina! Próxima sexta-feira é minha vez, né?

— Ah! eu nu sei, pergunta mana Nanda, ela que é a mãe da kixikila. Eu hoje nu vendi quasi nada, mas tá aqui a minha parte. No mó dia de recebê, nu quero a porque bonho, bonho! Quero mó dinheiro compileto!

— E a mana Sanguita que foi no óbito? Vamos fazer como então? Tiramos ela da kixikila ou aguardamos?

Elas conversavam, praguejavam e gesticulavam, outras gritavam sem necessidades. Essas zungueiras são todas alteradas, matutei comigo mesmo ao apreciar o episódio.

As kotas estavam todas suadas e enferrujadas, fruto da rotina de zunga, desde a madrugada, caminhando e gritando para que comprem os seus produtos, cima a baixo. Guerreiras!

“Pensando nisso, quantos quilómetros nós os zungueiros andamos por dia aqui na praça?”

Ao fim da tarde, quase dezoito horas, eu, Dock, Kiki, Zau, Joy, e Muinga fomos ali nos cubanos pular entre os sete tubos, a nossa área favorita de diversão. Aquele lugar parecia uma espécie de labirinto feito de tubos gigantes e o quintal fartava-se de tão vasto. Os tubos estavam arrumados de tal forma, que havia um certo grau de dificuldades, como se tivessem sido preparados para aquele tipo de desporto. Só os craques chegavam até ao sétimo, o único que se isolava dos outros. Diz-se que a distância entre o penúltimo até o sétimo era de mais ou menos dez metros.

“Quem faz um salto de dez metros? Nós somos mesmo suicidas!”

Entre os meus amigos, Kiki era o mais habilidoso no salto aos tubos. Ele era o mais baixinho do grupo, porém, era o que mais tinha êxito em fazer o pulo da morte, o salto dos monges como nós apelidamos.

Também pudera, é o kambuta-rijo da equipa, e o facto de ele estudar na Escola Treze, faz com que tenha muita mestria nos pulos. Sabe-se que lá, naquela escola, quase sempre são atacados pelo “Caixão-vazio”, quando eles aparecem, os alunos são obrigados a saltarem do segundo andar até ao chão, na tentativa de salvarem as suas vidas.

Por volta das dezanove horas, estávamos a sair dali. Demos meia volta à rua do Sumba Ué e, ficávamos espantados de como as ruas haviam se transformado num abrir e fechar

de olhos. Havia luzes – pois a luz nos visitava às vezes, embora não demorasse e fizesse sempre uma alternância absurda —, luzes de natal, enfeites de papéis coloridos e plásticos pendurados em fios que atravessavam de ponta a outra. As paredes estavam todas pintadas. Havia músicas também, em cada quarteirão e as pessoas sorriam, cantavam e dançavam. Com aquele banho de sorriso o povo parecia não ter preocupações maiores, eram felizes.

Ao fim da esquina, ao cruzar a rua doze da Paixão, tinha uma barbearia e esta também se encontrava igual, com adornos e perfumes natalino. Bem ao lado da mesma, havia um lugar preparado, com embarcações de pneus à volta em forma de um quadrado, de mais ou menos quatro metros. Aquela delimitação estava pintada em cal branca e alguns chapiscos de azul e vermelho, com uma caricatura do movimento *Hip-Hop* bem elaborado.

“PARADA DA RUA DA PAIXÃO”, estava escrito no cimo daquele espaço enfeitado e pintado com cores vivas, com mais destaque do que a caricatura. No meio, mais abaixo estava rabiscado “Bye bye 1999, Welcome 2000”.

Conversamos ali um par de horas antes de prosseguirmos para os nossos aposentos.

À noite, ali no meu colchão, enquanto aguardava agastado pela visita do sono, pus-me a reflectir sobre as coisas de natal. Vinte e três de Dezembro e eu não fiz nada de especial em relação ao natal? Amanhã mesmo, vou aproveitar o descanso das vendas, convidar o Kiki e o Dock para fazermos a nossa própria parada, pintadas com as cores e figuras que quisermos.

Até já pensei no nome, “parada dos puros wis”, vai ser o máximo! Como a cal é mais cara, podemos pintar o espaço de lá atrás com oca, parece perfeito, a parede da parte tra-

seira da nossa casa parecia a melhor escolha e era o que eu iria propor.

Lá no meio da madrugada, ouvi pancadas fortes, parecia advir do portão do quintal. Levantei-me, esfreguei os meus olhos com as mãos e fiquei sentado ali no colchão, queria ter a certeza se era realmente batimentos na nossa porta ou noutra casa. Se eram na nossa porta, por que a mana não acordou?.

"Pum! Pum! Pum!"

Outra vez, batimentos na porta. Cada investida ecoava mais violência.

Levantei-me, encostei até a cortina e espreitei à sala. Tudo estava escuro e em silêncio. Apalpei até ao interruptor e tentei através de um estalito, acender a luz.

— Chissas! Eu juro que quando fui à cama ainda havia luz!

Ganhei coragem e andei até a sala, abri a porta que dá acesso ao quintal.

“Talvez seja alguém da família, affito! Mas a essa hora, no meio da noite está a sair aonde?”

— Quem é?

E a voz dos punhos voltou a ressoar a chaparia da porta.

— Mas quem é então?

Cada vez que eu perguntava, os batimentos aumentavam. Era um estridente ao meio da noite. E depois eu me calei. O misterioso também calou os punhos. Passando alguns minutos de silêncio, voltei a insistir: — Quem está aí?

— Sou eu! Abra a merda da porta!

Em tom ríspido e agudo, o misterioso respondeu do outro lado da porta.

— Sou eu quem?

— O jovem que roubou o pai natal. Abra agora!

Apanhei um susto, entrei em choque e tropecei na porta ao tentar adentrar novamente em casa que de forma repentina e misteriosa, mostrava-se trancada. Não consegui evitar a queda. Assisti o meu corpo amortecer no chão, apesar de tentar evitar o pior com o apoio das mãos.

ACTUALMENTE

Com as mãos a protegerem o meu rosto e a cabeça, deitado no chão, ofegante, parei de lutar e destapei o rosto. Vi-me deitado a olhar para cima, para o tecto de uma casa. Virei para o lado e para o outro, estava numa cama e tinha alguém comigo, ao lado. Ela levantou a cabeça e ficou a olhar para mim.

— Amor! O que foi, pesadelo?

— [...]?

— Estiveste a gritar, “quem é, quem é, socorro” e depois, parece que assustaste, vi o teu corpo estremecer, parecias em transe.

— Hmm... mmm, não é nada amor. Vamos dormir...

— Amor, hoje vou ao Kicolo, quero ver como está a ser o natal este ano.

— Mas assim, do nada?

— Assim como?

— Desde quando te preocupaste com o natal do Kicolo? Tu nem sequer ligas para o natal!

— Ouvi dizer que está como antigamente, as ruas coloridas, alegres e tal. Deu aquela saudade, entendes?

— Quem te mentiu sobre isso, mentiu bem — Ela riu-se.

— Ou tem a ver com o pesadelo de ontem?

— Nada disso, mboa!

Esbocei um sorriso tímido e olhei para o outro lado.

— Boa sorte então!

Estava decidido. Após o matabicho, peguei a chave do carro, abri o portão e parti, rumo ao lugar que viu a minha infância florescer. Queria ver a malta daqueles tempos, experimentar novamente a verdadeira magia de natal, não essa nova forma de comemorar o natal de forma fria, cada um fechado em sua casa, até os gritos da meia-noite de trinta e um de Dezembro, tornaram-se gritos desenfreados.

— Isto é tudo menos natal! — bradei enquanto dirigia na avenida Fidel de Castro.

Ao chegar a vila de Cacuaco, havia uma enchente daqueles, não de pessoas, eram de carros mesmo. O trânsito desde *Caterpillar* até o centro da vila estava no “anda-pára”.

— Mas mano, o que há aí na vila? Festa dos marimbondos? — perguntei a um dos jovens que vendia refrigerantes e exibia-os nas janelas das viaturas, aproveitando o trânsito morto.

— Não mó kota. Estão a fazer travessias de peões!

— Ah... Okay. Obrigado!

“Travessia? Ali não está cheio de pedonais?”, pensei.

Fiquei estupefacto com aquele disparate. Estavam a construir uma travessia de peões na via principal, mesmo a alguns poucos metros de duas pedonais. Os génios pensaram em fazer um ginásio comunitário ou coisa parecida no meio dos dois sentidos.

— Sim senhora, estamos mesmo a (re)progredir hein!?

Ao menos tinha-me safado da *ngala*, só me custou quase uma hora de tempo para andar quinhentos metros.

Cheguei no desvio da Cimangola, fiz o retorno com a viatura para virar a entrada principal da minha banda. Ali, logo à entrada, vi os automóveis atravessarem aquele lamaçal esburacado com todas as dificuldades do submundo. Até carros grandes, “gipes”, se negavam a cruzar aqueles escombros. Encostei a minha viatura um pouco mais à direita de modos que os outros pudessem seguir em frente, enquanto eu os observava e escolhia o melhor lugar para passar.

— Mó kota, não vala pena metê esse tó ruca aí, vai stragaal!
— gritou um menino, este parecia ser um chamador de táxis pela forma como agia, corria de um lado para outro sempre que via os carros reduzirem a marcha.

— Ele tem razão, não posso meter o meu bumbo aí. Possas!

Segui a estrada e estacionei do outro lado. Tinha decido entrar a caminhar. Também, há algum tempo que não ando pelas ruas do Kicolo. As minhas recordações começariam ali mesmo à entrada da rua.

Durante a caminhada, ao invés de luzes, ruas pintadas, paradas e pessoas alegres, só vi pessoas aflitas correndo de um lado para outro, tentado ganhar a vida e sobreviver. As ruas? Estavam piores, muitas delas esburacadas, velhas, cheias de água, consequência das últimas chuvas que se fez. A estrada, obra recente, que liga Cimangola à Kianda, estava completamente estilhaçada. Eram tantos “estilhaços” que chega a ser um atentado colocar carros naquela via.

Passei a “Escola nova” que já nem era nova, parecia um monumento de tão antiga e deteriorada que estava, que levou-me a reflectir se ainda se encontra em funcionamento.

Cruzei a rua 10 da EPAL, a rua da paixão, tudo se tinha mudado. Aquela magia de natal e a euforia das pessoas se perdera. A barbearia já não existia e toda a lembrança que tinha de uma rua limpa, plana e famosa, se foi. Desanimado, caminhei até ali nos brilhantes, na casa da minha avó, fiquei lá algumas horas e voltei aos meus aposentos.

Ao fim da noite estava eu em minha casa a reviver os momentos que sonhara e a meditar sobre como aquele bairro, ou até mesmo aquele município, passado tantos anos, não desenvolvera quase nada.

— Aqui o natal é frio e isolado, mas ali? Nem natal há! O pai natal foi mesmo roubado!

Fim

Este conto foi escrito no natal de 2020, espero que a realidade ali naquela comunidade tenha se alterado. Ao pessoal do Kicolo, do município de Cacuaco desejo-lhes um natal especial, sei que são um povo sofrido e quase que esquecido, mas são guerreiros!

Um feliz natal para você que terminou esse texto, sei que o irá partilhar para o bem da literatura e da arte.

É sobre você, sobre mim, sobre a identidade dos nossos povos.

#ésobrenós!

De que vale um conto, um romance, um poema guardado na sua gaveta?

Publique com a ésobrenós!

E-mail: geral@esobreler.ao

Contactos: +244 924 477 532 | 919 146 296

SOBRE O AUTOR

LUCAS CASSULE, eudónimo literário de Lucas Carlos João, nascido nos Dembos, Bengo, aos 6 de Julho de 1986, é licenciado em Engenharia Informática, Docente, Escritor e Editor.

Um exímio apaixonado por livros de assuntos diversos desde tenra idade e dedica alguma parte do seu tempo nos seus próprios

escritos.

O autor escreve em prosa, poesia, crónicas, pensamentos e é particularmente fascinado por contos. Tem três livros publicados, dentre eles, **A vila assombrada pelos makixi**, **Afroerotismo em contos**, **Mil Correspondências**, **Karingana - 2 povos, 2 contos** publicado em conjunto com a escritora moçambicana Leya Langa. Tem ainda diversos contos publicados no seu blog e em e-books no portal www.esobreler.ao. No final do Ano 2020 fundou a ésobrenós Editora com o objectivo de contribuir em grande escala para o crescimento literário angolano.

